

RESENHA

Entre a alfabetização e a leitura na escola – Resenha de *Estudos de história da alfabetização e da leitura na escola*, de Cleonara Maria Schwartz, Eliane Peres e Isabel Cristina Alves da Silva Frade (Org.)

Silvia Aparecida Santos de Carvalho¹

Nas últimas décadas, o campo investigatório de práticas de leitura e escrita tem-se desenvolvido, marcadamente, pela preocupação dos pesquisadores em interpolar estudos distintos, de modo a promover um desenho mais definido e também mais abrangente da nova área.

Diferentes trabalhos têm sido considerados numa perspectiva que privilegia a constituição de um campo preocupado em recuperar práticas culturais de leitura e escrita ocorridas num tempo histórico que não o nosso. As maneiras de ler e os modos de escrever têm ocupado a atenção dos pesquisadores que pretendem resgatar a historicidade dessas práticas culturais já não presentes em nosso tempo.

Em *Estudos de história da alfabetização e da leitura na escola* (Vitória: Edufes, 2010), as organizadoras reuniram diversos artigos que apresentam resultados de diferentes pesquisas realizadas em seis estados brasileiros (Amazonas, Mato Grosso, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul) sobre a história da alfabetização e da leitura na escola, nos séculos XIX e XX.

Nele, encontramos análises sobre métodos de ensino de leitura e escrita, cartilhas e livros de leitura de autores que ganharam notoriedade pela divulgação, pela circulação e pelo uso de sua produção pedagógica e editorial.

Em “Cartilhas de alfabetização no Amazonas de antigamente”, primeiro artigo dos dez que compõem a obra, Carlos Humberto Alves Corrêa e Lilian Lopes Martin da Silva apresentam uma análise

de duas cartilhas escolares adotadas nas escolas amazonenses entre as décadas de 1850 e 1880: a primeira, *Methodo Facilimo para aprender a ler e a escrever no mais curto espaço de tempo possível tanto a letra redonda quanto a letra manuscrita*, do autor português Emilio Achilles Monteverde, e a segunda, *Primeiro Livro de leitura para uso da infância brasileira*, de Abílio César Borges. Identificam propostas metodológicas para o ensino de leitura e escrita, orientações destinadas ao professor e informações sobre o desempenho de alunos na aprendizagem inicial da leitura. Destacam, ainda, a concorrência editorial e pedagógica entre as duas cartilhas, que disputaram a preferência das autoridades escolares amazonenses no que diz respeito ao melhor método de ensino de leitura; e o esforço do autor brasileiro para opor-se à hegemonia editorial portuguesa em território brasileiro.

Em “A história da alfabetização em Mato Grosso: um balanço dos trabalhos do Grupo de Pesquisa ALFALE”, Cancionila Janzkovski Cardoso e Lázara Nanci de Barros Amâncio expõem a produção de pesquisa sobre a história da alfabetização do Grupo ALFALE, do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso. Sete estudos enfocaram o tema da história da alfabetização e contribuíram para o entendimento de questões mais gerais apresentadas no âmbito do estado. Evidenciaram a heterogeneidade das práticas, pela diversidade de métodos e materiais utilizados, e a dis-

¹ Doutoranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), membro do Grupo de Pesquisa ALLE – Alfabetização, Leitura e Escrita e coordenadora pedagógica da Rede Municipal de São Paulo. E-mail: silviacarvalho1@gmail.com

crepância entre os livros adotados e os oficialmente prescritos, bem como entre os discursos didático-pedagógicos proferidos e as práticas efetivas dos professores.

“O ‘Método da abelhinha’ em Pelotas (1965-2007)”, assinado por Janaína Soares Martins Lapuente e orientado por Eliane Peres, objetiva expor o processo de pesquisa, as escolhas teórico-metodológicas e alguns resultados da investigação de uma pesquisa concluída em nível de mestrado (LAPUENTE, 2008). Sua base documental foi composta por materiais impressos e didáticos de professoras e alunas, depoimentos colhidos de professoras que alfabetizaram utilizando o referido método e diários de classe. O estudo contribuiu para a constatação de que não há uma hegemonia teórico-metodológica e que as professoras renovam sua prática pedagógica na experiência cotidiana da sala de aula.

Eliane Peres também assina, com Helenara Plaszewski Facin, o artigo intitulado “A produção didática da professora Nelly Cunha e suas contribuições para ensino de leitura no Rio Grande do Sul (décadas de 1960-1980)”. Quando as autoras consideram o mapa das cartilhas produzidas e em circulação no Rio Grande do Sul, nas décadas de 1960-1980, destaca-se o nome de Nelly Cunha, que, em coautoria, produziu sete coleções didáticas, publicadas pelas editoras do Brasil e Globo. O exame do conteúdo dessa produção revelou, segundo as autoras, a circulação de um modelo de livro escolar, a predominância do método global para o ensino de leitura e escrita na época considerada e o importante lugar que tem a produção dessa professora na história do ensino de leitura no Rio Grande do Sul.

Ocupam posição de destaque na história da alfabetização de Minas Gerais Abílio César Borges, barão de Macaúbas, dono de várias escolas particulares, respeitado pedagogo do período monárquico, e Arthur Joviano, professor de português, diretor da Escola Normal da capital daquele estado, membro do Conselho Superior de Instrução Pública, dentre outras qualificações. Nos dois artigos assinados por Isabel Cristina Alves da Silva Frade – “Livros de leitura de Abílio César Borges: ideários pedagógicos, produção e circulação” e “Arthur Joviano: um estudo sobre as relações entre autor, Estado, editoras, usuários e sobre o método de palavras, em Minas Gerais no início do século XX” –, encontramos o mapeamento da produção e

da circulação das obras intituladas *Primeiro livro de leitura para o uso da infância brasileira*, editada em 1867, e *Primeira leitura: methodo para ensinar a ler* – uma aproximação com o método de palavras, respectivamente. Ambos os artigos também abordam o método de ensino de leitura utilizado nas duas obras.

Em “Educação primária, métodos de ensino e os livros de leitura no Espírito Santo (1890 a 1930)”, Cláudia Maria Mendes Gontijo e Sílvia Cunha Gomes apresentam uma análise sobre a situação da educação primária no período referido e seus desdobramentos na alfabetização. Destacam que apenas pequena parte da população do estado do Espírito Santo participou da implementação das inovações pedagógicas no ensino de leitura e escrita e denunciam a exclusão dos escravos, das mulheres, dos deficientes físicos e mentais da escola, bem como as precárias condições da escola ao final da década de 1930.

Ainda sobre a história do ensino de leitura no Espírito Santo, Cleonara Maria Schwartz e Luciana Domingos de Oliveira assinam o artigo intitulado “A circulação de concepções de linguagem, de texto e de leitura no Espírito Santo (1911-1930)”, que apresenta as características discursivas do método intuitivo de ensino que circulou no estado, no referido período.

Com o objetivo de compreender historicamente os modos como o ensino de leitura e escrita foi considerado na rede escolar municipal de Niterói, Rio de Janeiro, no período de 1959-2000, Cecília M. A. Goulart e Eleonora Cretton Abílio, em “O ensino inicial da leitura e da escrita na rede escolar municipal de Niterói/RJ: um estudo do período 1959-2000”, analisam em que condições se iniciou a rede escolar municipal de Niterói e como foram realizados os investimentos nas classes de alfabetização no período de 1970 a 2000. Apresentam um panorama dos aspectos históricos da alfabetização no município e no período referidos.

Francisca Izabel Pereira Maciel e Fernanda Cristina Campos da Rocha são as autoras do artigo “A criação dos Grupos Escolares e o mito do sucesso do ensino primário em quatro anos (1907-1916)”, em que apresentam: breve discussão sobre o contexto educacional da Reforma de 1906, que determinou a criação dos Grupos Escolares em Minas Gerais; as propostas de ensino de leitura e escrita nesse contexto; e, por fim, os desdobramentos da Reforma nas práticas

escolares e os motivos da reprovação ao final do primeiro ano do ensino primário no Grupo Escolar Paula Rocha.

Indubitavelmente, todos os artigos apresentados significam relevante contribuição à história do ensino de leitura e escrita no Brasil. Contudo, esse campo de pesquisa revela ainda grande fertilidade, pois são vastos os objetos que aguardam intentos investigatórios, bem como fecundas são as perspectivas de análise ainda não consideradas.

Quando enfocamos a história do ensino de leitura e escrita, parece muito apropriado indagar sobre os criadores, os defensores ou ainda os aplicadores dos métodos de ensino veiculados em um tempo histórico determinado. Recuperar, conforme nos indica Pierre Bourdieu (1996), informações sobre o “capital cultural” desses professores evidentemente contribuiria para o conhecimento das matrizes de pensamento que direcionaram escolhas metodológicas, por exemplo. Recuperar, ainda que indiciariamente, o *habitus* desses agentes certamente ampliaria nosso conhecimento acerca das particularidades presentes no modo, no jeito de apresentar o ensino de leitura e de escrita nos materiais impressos.

Nos artigos apresentados, identificamos a presença de ações políticas governamentais na promoção do ensino de leitura e escrita, seja na oficialização de métodos de ensino e na orientação didática dos docentes, seja na indicação e na aquisição de livros e cartilhas para distribuição às camadas pobres da população. Por vezes, identifica-

mos processos de disputas editoriais e pedagógicas no campo das práticas de alfabetização. Identificar, conforme também nos indica Bourdieu, a posição dos agentes em disputa no campo de relações sociais é fundamental para entendermos a tomada de decisão desses agentes. O que, nesse caso, contribuiria diretamente para o entendimento das preferências metodológicas e editoriais.

Convidamos, então, à leitura dessa interessante e imprescindível reunião de artigos históricos. O leitor interessado será motivado, se não a propor outras perspectivas de análise e de investigação, certamente a retornar a processos já vividos, guardados na lembrança infantil, de aprendiz de leitor e de escritor.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996.

_____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LAPUENTE, J. S. M. “*Método da abelhinha*” em *Pelotas: contribuições à história da alfabetização (1965 a 2007)*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008.

Recebido em outubro de 2010 e aceito em janeiro de 2011.